

A multiplicidade de sentimentos na poesia de Luíza Amélia de Queiroz

The plurality of sentiments on the poetry of Luíza Amélia de Queiroz

Jaiane da Silva Santos

Graduada em Letras Português e Literatura da Língua Portuguesa

Geisiane Dias Queiroz

Mestra em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Graduada em Letras Português pela mesma instituição de ensino (2011). Professora Tutora do curso de Letras Português do Centro de Educação Aberto e a Distância - CEAD/UFPI.

Resumo: O presente artigo pretende, com base na escola romântica, analisar os poemas “Lembranças da infância”, “Reflexão”, “Dedicatória”, “Minha Mãe” e “Se eu morresse amanhã”, encontrados na obra *Flores incultas* (1875), da poetisa piauiense Luíza Amélia de Queiroz, além de identificar e apresentar o sentimentalismo relacionado à infância e à família nos referidos poemas. Busca-se contribuir com os estudos acerca dessa obra e ressaltar o papel precursor exercido pela autora na literatura de expressão piauiense e, por meio de uma pesquisa de cunho bibliográfico com abordagem qualitativa, tomou-se como base os estudos de Alfredo Bosi (1999) e Afrânio Coutinho (1999) sobre a escola romântica e os estudos realizados pela historiadora Teresinha Queiroz (2015) e por Augusto Brito (2015) acerca da poetisa e sua literatura, de maneira a perceber o sentimentalismo romântico presente na saudade e no desejo de evasão expressos nas temáticas abordadas, assim como em poemas marcados também pela figura da morte e por demais características da poesia romântica.

Palavras-chave: Luíza Amélia de Queiroz. Romantismo. Sentimentalismo.

Abstract: This article aims at, based on the romantic school, analyse the poems “Lembranças da infância”, “Reflexão”, “Dedicatória”, “Minha Mãe” and “Se eu morresse amanhã”, all part of Luíza Amélia de Queiroz’s *Flores incultas* (1875) work. It intends still to identify and analyze the sentimentalism related to childhood and family on the aforementioned poems. With this research we want to contribute to the studies about Luíza Amélia de Queiroz’s work and to highlight the precursor role played by the author on the Piauiense expression literature. To that end, the studies of the following literary critics were used as base: Alfredo Bosi (1999) and Afrânio Coutinho (1999) about the romantic school; also the studies regarding the piauiense poetess and her literature made by the historian Teresinha Queiroz (2015) and by Augusto Brito (2015) in order to notice the romantic sentimentalism present on the feeling of longing and on the desire of evasion expressed in childhood theme as well as in poems about family, poems also marked by the figure of death and by the pessimistic sentiment, characteristics of the romantic poetry.

Keywords: Luíza Amélia de Queiroz. Romanticism. Sentimentalism.

Introdução

Flores incultas (1875) foi a primeira obra escrita e publicada por uma mulher no estado do Piauí, tendo como autora a poetisa Luíza Amélia de Queiroz. Esse fato ganha destaque considerando o contexto da sociedade do século XIX, uma sociedade onde as mulheres não chegavam a cursar o ensino superior e o espaço reservado para elas era o lar e a posição de cuidadora da família. Luíza Amélia enfrentou essas dificuldades e publicou duas obras românticas: *Flores incultas* (1875) e *Georgina ou Os Efeitos do Amor* (1898).

Nos poemas de *Flores incultas* é possível perceber aspectos da segunda geração romântica brasileira, geração que, conforme Alfredo Bosi, caracterizou-se por “uma temática emotiva de amor e morte, dúvida e ironia, entusiasmo e tédio” (BOSI, 1999: 109). Além desses aspectos, Luíza Amélia de Queiroz traz também em sua escrita o nacionalismo, a religiosidade, a volta ao passado, o culto à natureza e o pessimismo. Entre as características do movimento romântico presentes em *Flores incultas* (1875), este artigo propõe identificar e analisar o sentimentalismo nos poemas que tem como temática a infância e a família.

As poucas pesquisas encontradas sobre a obra *Flores incultas* trazem, em sua maioria, uma abordagem histórica, fato importante para a produção de conhecimento e compreensão acerca da produção literária de Luíza Amélia. No entanto, sabendo da importância da poetisa Luíza Amélia de Queiroz no cenário literário, faz-se necessária a realização de uma análise mais detalhada para que se possa perceber os principais temas que permeiam a poesia da autora e como esses temas são apresentados ao leitor. Dessa forma, em um primeiro momento desta investigação será apresentado o movimento literário romântico e suas características, assim como seus representantes no estado do Piauí. Após isso, será feito apontamentos sobre a vida da autora Luíza Amélia de Queiroz e suas produções literárias e, em sequência, a análise do sentimentalismo nas temáticas escolhidas.

É importante caracterizar a poetisa Luíza Amélia de Queiroz como uma figura significativa dentro do cânone literário, pois com sua escrita romântica conquistou espaço na literatura e ficou conhecida como a Princesa da Poesia Romântica do Piauí. Dessa forma, este estudo busca contribuir com a produção de conhecimento sobre a escritora e, conseqüentemente, acerca de sua produção literária, assim como visa colaborar com os estudos sobre a obra *Flores incultas* (1875).

O Romantismo no Brasil e no Piauí

Casar assim o pensamento com o sentimento, a ideia com a paixão, colorir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia grande e santa – a Poesia como eu a compreendo sem a poder definir, como eu a sinto sem poder traduzir (GONÇALVES DIAS, 1959: 102).

Conforme descreveu o poeta brasileiro Gonçalves Dias, o Romantismo foi um movimento caracterizado pela riqueza temática e sentimental, aspecto melhor compreendido quando se leva em consideração o contexto que o movimento surgiu e se disseminou.

O Romantismo se iniciou no final do século XVIII na Prússia, atual Alemanha, país que teve como principal destaque o escritor Goethe. O movimento contrapunha os padrões clássicos de arte, pregava a liberdade individual e esteve ligado à Revolução Francesa e à Revolução Industrial. O Romantismo, após ganhar força na França, se expandiu pela Europa e, por volta do século XIX, se instalou no Brasil seguindo as tendências românticas europeias e inspirado nos ideais de autores como Victor Hugo, Lord Byron e Goethe.

O cenário brasileiro se encontrava em meio às transformações e rupturas, onde um Brasil colonial se transformava em uma nação recém-independente caracterizada pela ascensão do poder burguês e pelo sentimento nacionalista. Conforme Afrânio Coutinho:

As novas tendências que se opuseram no meado do século XVIII aos ideais neoclássicos, prelu-diando o Romantismo, refletem um estado de espírito inconformista em relação ao intelectua-lismo, ao absolutismo, ao convencionalismo clássico, ao esgotamento das formas e temas então dominantes. A imaginação e o sentimento, a emoção e a sensibilidade, conquistam aos poucos o lugar que era ocupado pela razão. A noção de natureza e seus corolários – a bondade natural, a pureza da vida em natureza, a superioridade da inspiração natural, primitiva, popular – atraem cada vez mais o interesse e o pensamento dos homens (COUTINHO, 1999: 5-6).

Ou seja, os autores românticos expressavam em suas obras as novas ideias e buscavam romper com os padrões clássicos. Assumiram em suas produções as características da escola romântica, tais como: o sentimentalismo exacerbado, o subjetivismo, o nacionalismo, o amor platônico, a idealização da mulher, o pessimismo, o individualismo, a evasão da realidade e a religiosidade.

No Brasil, a crítica atribuiu como marco inicial do Romantismo a obra *Suspiros poéticos e saudades* (1836), de Gonçalves de Magalhães. Além do sentimentalismo e do egocentrismo, que são suas características marcantes, o romantismo brasileiro adquiriu um forte sentimento nacionalista, que fez com que os poetas da época sentissem a necessidade de construir e possuir uma cultura própria do país, sem influências europeias. Surgiu, assim, o indianismo, a primeira geração do romantismo nacional, que tinha como objetivo encontrar um herói nacional e exaltar o que de melhor representasse o Brasil da época.

Ocorreu nessa geração a exaltação da liberdade, da natureza e do índio. Foi o momento em que Gonçalves Dias trouxe o mito do bom selvagem e o índio passa a ser visto como herói nacional. Os poetas que se destacaram nessa primeira geração foram Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias.

A segunda geração da poesia romântica brasileira é marcada pelo ultrarromantismo. Os poetas dessa época, inspirados em Lord Byron, retratavam o pessimismo, o tédio e temas

depressivos. Os ultrarromânticos de destaque no Brasil foram Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire e Fagundes Varela. As obras desses autores exaltavam a mulher, vista sempre como um ser inacessível. Com sentimentalismo carregado, retravam a fuga da realidade, apreciavam a noite, assim como referências ao satanismo.

Marcada pela luta por liberdade e por temas sociais, a terceira geração romântica tinha como foco principal as questões sociais da época. O amor se torna algo real e a mulher, antes idealizada, agora se faz presente, trazendo uma poesia com traços eróticos. Nessa fase, ganha destaque o abolicionismo da escravatura, principalmente nas produções de Castro Alves, escritor que teve notoriedade ao mostrar para o povo a doença que contaminava a nação brasileira na época, a escravidão. Conforme Bosi, a estreia de Castro Alves:

[...] coincide com o amadurecer de uma situação nova: a crise do Brasil rural; o lento mas firme crescimento da cultura urbana, dos ideais democráticos e, portanto, o despontar de uma repulsa pela a moral do senhor-e-servo, que poluía as fontes da vida familiar e social no Brasil-Império (BOSI, 1999: 120).

Joaquim de Sousa Andrade também fez parte da mesma geração de Castro Alves. Considerado um poeta originalíssimo e à frente do seu tempo, Sousa Andrade ficou conhecido como o poeta de transição pois suas obras foram o prenúncio do realismo, o divisor de águas, entre o Romantismo e a nova Escola do Realismo.

No Piauí, alguns autores também se inspiraram nas ideias da escola romântica, alcançando destaque e exercendo papel importante na produção literária romântica piauiense. Segundo Herculano Moraes (1997), no Piauí os ideais românticos começaram a surgir em 1866 através das linhas do oeirense Licurgo José de Paiva, na obra poética *Flores da noite*. Também fazem parte da primeira geração literária piauiense, conforme Francisco Miguel de Moura, Luíza Amélia de Queiroz, José Coriolano, Hermínio Castelo Branco, Teodoro de Carvalho e Silva Castelo Branco. Esta geração foi definida por Francisco Miguel de Moura como “geração romântico popular”, devido a um caráter próprio da expressão literária piauiense:

A primeira geração da literatura piauiense adotou os temas e costumes do povo, sua sentimentalidade, sua linguagem. [...] Na realidade, interliga-se ao período romântico da literatura brasileira em suas linhas gerais, porém guarda diferenças. É a geração da poesia popular e da prosa regionalista, que eu batizaria de geração romântico-popular, à falta de outra denotação melhor (MOURA, 2001: 35).

Conforme Moura (2001), essa geração surgiu do isolamento, considerando a realidade do Piauí na época, e se estabeleceu em um momento que mudanças e avanços surgiam, como a transferência da capital de Oeiras para Teresina, a implementação da imprensa e, posteriormente, a fundação das primeiras associações literárias. Essa geração da poesia romântica piauiense, apesar de significativa, não ganhou o destaque merecido. No caso, o maior destaque do romantismo no Piauí foi na prosa de ficção *Ataliba, o vaqueiro* (1878), romance regionalista

de Francisco Gil Castelo Branco.

Apesar da poesia não ter alcançado o mesmo sucesso e reconhecimento da prosa de ficção, nos dois estilos é possível encontrar os aspectos do romantismo. Em suas produções literárias, os autores piauienses não deixaram de trazer o sentimentalismo, a relação com a natureza, a morte e a solidão, o que atesta suas produções como esteticamente românticas.

Luíza Amélia de Queiroz: a poetisa

A mulher que toma a pena
Para em lira a transformar,
É, para os falsos sectários,
Um crime que os faz pasmar! [...] (QUEIROZ, 2015: 60).

Luíza Amélia de Queiroz nasceu no dia 26 de dezembro de 1838, na cidade de Piracuruca, filha de Vitalina Luíza de Queiroz e Manuel Eduardo de Queiroz, e faleceu no dia 12 de novembro de 1898, em Parnaíba – cidade que viveu maior parte da vida. Casou-se duas vezes; a primeira com Pedro José Nunes e a segunda com Benedito Rodrigues Madeira Brandão. Dedicou-se aos estudos e à literatura. Publicou dois livros: *Flores incultas*, em 1875, obra que a faz ser reconhecida como a primeira mulher piauiense a publicar literatura, e *Georgina ou os efeitos do amor*, em 1898.

Chegaram a discorrer acerca dessa produção literária da poetisa piauiense os críticos literários Clodoaldo Freitas e Herculano Moraes. Clodoaldo Freitas tece algumas críticas no ensaio “D. Luíza Amélia de Queiroz Brandão”, publicado em *Vultos piauienses: apontamentos biográficos* (1903). O autor elogia a escritora e a mulher que Luíza Amélia foi. Destaca a espontaneidade, a simplicidade, a beleza e o aspecto intertextual de sua poesia com a de Casimiro de Abreu.

Em seu livro *Visão histórica da literatura piauiense* (1997), Herculano Moraes faz observações sobre a produção literária piauiense, dividindo-a em fases e apontando autores que se destacaram. Dentre esses autores, reserva uma breve crítica sobre Luíza Amélia e destaca a importância e o talento da poetisa. Salienta que a poetisa atingiu o auge com *Flores incultas*, obra que agradou e desagradou devido “a firmeza de suas ideias” (MORAES, 1997: 70). Segundo o crítico, a poetisa foi uma mulher que buscou transpor as ideias que impediavam a liberdade feminina de sua época, e enfatiza que a poesia romântica do Piauí seria incompleta sem Luíza Amélia de Queiroz.

Além de suas duas obras publicadas, Luíza Amélia, conforme Augusto Brito (2015), escreveu para o jornal teresinense *O Telefone* (1883-1889) e para o *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, onde defendeu ideias republicanas e abolicionistas. Em um primeiro momento, apesar de não ter sido bem recebida pela maior parte dos críticos literários da época, como Clodoaldo Freitas, João Pinheiro e Lucídio Freitas. A poetisa ganhou admiradores e reconhecimento pelo talento poético literário, chegando a ser considerada a Princesa da Poesia Romântica do Piauí. Recebeu também homenagens da Academia Piauiense de Letras (APL),

da Academia Parnaibana de Letras (APAL) e da Academia de Letras da Região de Sete Cidades (ALRESC).

Aspectos românticos da poesia de Luíza Amélia de Queiroz

A obra *Flores incultas* (1875) reúne uma compilação de 112 poemas e é marcada por um universo poético permeado pelo sentimentalismo, que fica evidente por meio de sentimentos relacionados à condição da mulher, à amizade, ao pessimismo, à religiosidade, à infância, à família e à morte. Conforme pode ser observado na obra e como aponta Daniel Castello Branco Ciarlini (2015), as composições poéticas da autora piauiense são de diferentes épocas e evidenciam o sentimentalismo de Luíza Amélia de Queiroz. Dessa forma, a poetisa, assim como outros românticos, expõe em seus versos a sua realidade e seus anseios através dos sentimentos, que se faz presente na obra de maneira diversificada, como será visto a seguir.

O anseio pela liberdade da mulher se faz presente nos versos de Luíza Amélia como expressão da sua revolta, contra aqueles que criticavam a sua expressão literária e suas ideias, somente pelo fato dela ser mulher. De acordo com Augusto Brito (2015), os versos da poetisa vão contra a sociedade patriarcal e machista piauiense do século XIX, impregnada pela misoginia, que desvalorizava a literatura feminina, com base nos ideais da sociedade da época, que tratava o ser feminino como algo apenas belo, tendo como dever apenas se dedicar ao matrimônio e à família, desvalorizando a capacidade intelectual e artística feminina. Daniel Ciarlini (2015) deixa clara a importância da autora nessa “quebra” quando afirma que Luíza Amélia parecia antecipar, de alguma maneira, o idealismo e as denúncias de cunho feminista que viriam nos anos seguintes. O desejo de se libertar das amarras do patriarcado e andar de igual para igual perante a sociedade, incluindo deveres e direitos, uma luta que ganharia força no século seguinte e perdura até os dias atuais.

Olívia Candeia Lima Rocha (2011) reforça a representatividade e o pioneirismo da obra de Luíza Amélia de Queiroz quando afirma que a poetisa abriu precedentes para a atuação feminina nos domínios, quase inexplorados, relacionados à escrita e à publicação de textos no Piauí, transformando o cotidiano feminino que girava em torno dos afazeres domésticos e trabalhos de agulha, devendo as mulheres casadas se dedicarem à família, a escrita e a leitura ficando apenas como lazer. Ao criticar esse fato, a poetisa demonstra que, se as mulheres tivessem as mesmas oportunidades dos homens, seriam igualmente, ou até mais, capazes de desempenhar papéis atribuídos a eles no espaço público. Luíza Amélia desejava que as mulheres alcançassem prestígio social e escrevessem seus nomes na história.

O inconformismo da poetisa com a liberdade restrita da mulher fica evidente em alguns poemas. Exemplo disso é o poema “A mulher”:

A mulher que toma a pena
Para em lira a transformar,
É, para os falsos sectários,

Um crime que os faz pasmar!
Transgride as leis da virtude
A mulher deve ser rude
Ignara por condição!
Não deve aspirar à glória!...
Nem um dia na história
Fulgurar com distinção!
[...]
Não posso! Gritem sofistas
Digam tudo que quiser!
Chamem tênue, duvidosa
A virtude da mulher
De fantasia arrojada;
Que minha alma extasiada
Nas harmonias do céu,
Ficará indiferente,
Ao que a malícia invente
P'ra manchar o brilho seu. [...] (QUEIROZ, 2015: 60).

Nota-se que eu-lírico menciona a condição inculta que a sociedade queria que a mulher ocupasse. Aquelas que se dedicavam à escrita literária estavam ferindo a virtude da mulher, dessa forma não eram bem-vista pelos “falsos sectários”, ocupando, assim, lugar de inferioridade – que deveria ser aceito, não questionado. Diante disso, o eu-lírico defende a liberdade, não aceita o espaço reservado para mulher e não segue nem se cala com a opinião dos que inferiorizam a mulher culta:

Não posso curvar a fronte
Nesse estreito horizonte
E na inércia ficar!
Não posso! Gritem sofistas
Digam tudo que quiser!
[...]
Que minha alma extasiada
Nas harmonias do céu,
Ficará indiferente [...] (QUEIROZ, 2015: 60-61).

Com o poema “A mulher” percebe-se, assim como aponta Augusto Brito (2015), a personalidade da poetisa piauiense, uma mulher inquieta com a realidade da mulher na sociedade de sua época.

Como uma obra esteticamente definida como romântica é comum a ocorrência de uma das temáticas mais marcantes da poesia romântica: o pessimismo. Nos poemas “Temor e súplica”, “Sempre dor”, “Realidade”, entre outros, fica evidente o tom pessimista que se apresenta ao longo da obra *Flores incultas*:

Sempre dor

[...]

Já sem saber onde os ponha,
E d'esta vida enfadonha
Tendo tédio a tanto horror;
Volvo-os além; vejo um túmulo,
Que é sempre o feliz êmulo
Do fado perseguidor.

Campa! camp! É no teu seio
Que irei – tão longo anseio
Esconder – triste a dormir
Inerte, fria, gelada,
Pelos meus abandonada,
Mas também sem dor sentir (QUEIROZ, 2015: 100).

Nota-se que o eu-lírico encontra-se sem esperança e demonstra cansaço diante do viver. Retrata a morte como “o feliz êmulo”, um alívio para sua dor. O tom de angústia e de pessimismo permeia os versos do poema e o poema é encerrado reforçando a ideia da morte como um alívio para sua dor: “Inerte, fria, gelada, / Pelos meus abandonada, / Mas também sem dor sentir”. Dessa forma, pode-se compreender que eu-lírico apresenta uma alma em sofrimento, marcada pelo desassossego diante do “horror” da sua “enfadonha” existência.

Outro aspecto recorrente em *Flores incultas* é a religiosidade, aspecto marcado na maioria das vezes pelo sentimento de gratidão. Essa religiosidade pode ser vista, por exemplo, nos poemas “A Deus”, “Hino a Deus”, “Madalena”, “Existe Deus”, “Quem foi que me deu a lira?”, dentre outros. No poema “Quem foi que me deu a lira?” o dom poético é atribuído a Deus, aquele que criou as belas coisas e a natureza:

[...] Foi quem deu à branca aurora
Essa luz com que colora
Lindezas da terra e céu
Quem cintilantes estrelas
Faz brilhar néveas e belas,
No firmamento sem véu
[...]
Não são as artes humanas,
Nem ciências soberanas
Que animam os cantos meus;
É a natureza que brilha,
Poema de maravilha
Ou antes a mão de Deus (QUEIROZ, 2015: 212-213).

A última estrofe traz e reforça a ideia mencionada ao longo do poema de Deus como

criador das belas coisas e responde à pergunta que vem como título. Afirma que seu dom literário não vem das invenções humanas, mas sim da inspiração advinda das criações divinas, da beleza da natureza e, sobretudo, da mão de Deus.

Por meio dos poemas “Inocência sorrir”, “Lembranças da infância” e “Reflexões”, *Flores incultas* ganha um tom de saudade, sentimento que revela também o passado como um refúgio, o que remete a uma das características da poesia romântica citadas por Alfredo Bosi: “O eu romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão” (BOSI, 1999: 93). Essa evasão pode ser percebida no poema “Lembranças da infância”:

Da minha infância querida
A doce recordação,
É como gotas de orvalho
Sobre as flores do verão
[...]
Vem! Oh anjo da saudade,
Linda imagem do passado,
Vem, afaga inda um momento
Meu coração tristurado (QUEIROZ, 2015: 156-157).

Como é visto nos dois primeiros versos, o eu-lírico relembra sua infância como um tempo bom, de boas lembranças e essa lembrança serve como uma evasão das suas inquietações, uma fuga do seu sofrer. Encontra-se, também, elementos naturais que são usados para fazer comparações entre sua recordação e seu sentimento despertado, característica que costuma aparecer em poesias românticas. Segundo Bosi (1999), na poesia romântica as comparações e as metáforas podem representar, através dos elementos naturais, os sentimentos expressos pelo eu-lírico, aspecto que se faz presente no poema “Lembranças da infância”.

Constata-se, ainda, que *Flores incultas* está marcada por poemas que trazem um sentimentalismo relacionado à família, sendo um dos aspectos que se faz mais presente na obra, evidente nos poemas “Dedicatória”, “Minha mãe”, “Maroca”, “Separação”, “Preselina”, “Perdoa”, “Passos” e “Delírio”, dedicados a pessoas da família. A maioria desses poemas são marcados pelo sentimento de amor fraternal e tristeza pela perda, como pode ser visto em “Maroca” e em “Preselina”, que levam o nome das irmãs de Luíza Amélia.

No poema “Maroca”, o eu-lírico traz a figura de Maroca como um ser com virtudes, que se compara a uma mãe amorosa: “Tu és o retrato da mãe adorada, / Virtudes tão suas traduzes fiel!” (QUEIROZ, 2015: 23). Maroca é quem traz para a vida do eu-lírico um alento, um alívio do seu sofrimento: “Tu és quem troca da vida amarga / O negro absinto em favos de mel!” (QUEIROZ, 2015: 23). Em “Preselina”, o sentimento que se sobressai é o da saudade, marcada pela distância: “Minha irmã, se eu soubesse, / se te exprimir eu pudesse, / Quando minh’alma padece / Por te ter longe de mi?” (QUEIROZ, 2015: 31). Segundo Teresinha Queiroz (2015), e como pode ser observado no poema, essa saudade retratada remete ao momento que Preselina se casou e saiu da cidade de Parnaíba, ficando, assim, distante de Luíza Amélia, que expressou

nas linhas do poema dedicado a ela um sentimento exacerbadamente saudoso.

Assim como em obras de outros poetas românticos, em *Flores incultas* também se nota um tom fúnebre, marcado pela figura da morte, como motivo de tristeza por causa da perda, como pode ser visto em “Minha mãe”, onde evidencia-se a tristeza do eu poético ao perder sua figura materna, o que lhe causa uma profunda desventura e intensa dor:

Minha Mãe! Fazem três lustros
Que a mão da desventura,
Roubou-me tua ternura,
Feriu-me de imensa dor! (QUEIROZ, 2015: 19).

A morte também aparece ligada ao desejo de evasão, onde é vista como forma de aliviar o sofrimento da existência. Essa característica, possivelmente inspirada na poesia de Lord Byron, foi bastante explorada pelos românticos brasileiros da segunda geração como, por exemplo, Álvares de Azevedo, um dos autores que inspirou Luíza Amélia de Queiroz. Essa intertextualidade pode ser vista em “Se eu morresse amanhã”, poema que recebe mesmo título de uma composição de Álvares Azevedo¹. No poema de Luíza Amélia de Queiroz, assim como no de Álvares Azevedo e de outros autores da geração ultrarromântica brasileira, o eu-lírico traz a morte como um futuro possível e, ao fazer isso, expressa seu descontentamento diante da vida:

[...]
Oh! Se as férreas cadeias, que me prendem
N’este desterro a uma vida vã,
Eu pudesse quebrar!...tranquila e leda,
Se eu morresse amanhã [...] (QUEIROZ, 2015: 214).

Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o dolorido afã...
A dor no peito emudecera ao menos
Se eu morresse amanhã! (AZEVEDO, 2003: 22).

O tom pessimista permeia o poema de Luíza Amélia de Queiroz, de maneira que o eu-lírico relata a existência como algo inútil: “N’este desterro a uma vida vã”. Nos versos “Eu pudesse quebrar!...tranquila e leda, / Se eu morresse amanhã”, o eu-lírico traz a expectativa de morrer de maneira tranquila. Esse mesmo sentimento pessimista diante da vida e a possibilidade da morte como alívio pode ser notado no poema de Álvares de Azevedo, o que possibilita perceber o diálogo entre os dois autores românticos.

O sentimentalismo romântico em poemas sobre a infância e sobre a família

Segundo Coutinho, “a atitude romântica é pessoal e íntima. É o mundo visto através da

1. Poema que faz parte da obra póstuma *Lira dos vinte anos*, publicada pela primeira vez em 1853.

personalidade do artista. O que revela é a atitude pessoal, o mundo interior, o estado de alma provocado pela realidade exterior” (COUTINHO, 1999: 9). Esse mundo individual permeado por sentimentos se revela na poesia através de diversas temáticas. Na obra *Flores incultas*, por exemplo, os sentimentos românticos se apresentam em poemas nacionalistas, religiosos, pessimistas. Dos vários sentimentos que estão expressos nos poemas do primeiro livro de Luíza Amélia de Queiroz e que foram mencionados pretende-se analisar, neste estudo, o sentimentalismo presente em duas temáticas dentre as mais recorrentes, a saber, família e infância, a fim de compreender o eu romântico de Luíza Amélia e também para compreender como a poetisa construiu seu mundo poético através dos sentimentos expressos em cada temática.

Infância: uma saudade e um alento

Assim como outros autores do romantismo brasileiro, Luíza Amélia de Queiroz traz em sua poética diversos assuntos contendo emoções e seu sentimento acerca deles. Algumas vezes, o que marca a poesia da escritora é a volta ao passado, através de poemas que retratam a sua infância. Ao recorrer a esse período de sua vida ou até mesmo quando fala da infância, de maneira geral, como um momento belo da vida humana, a autora segue os padrões da sua escola, pois, ao fazer isso, recorre à evasão.

Conforme Alfredo Bosi: “os nossos românticos exibem fundos traços de defesa e evasão, que os leva a posições regressivas: no plano da relação com o mundo (retorno à mãe natureza, refúgio no passado, reinvenção do bom selvagem, exotismo)” (BOSI, 1999: 93). A poetisa Luíza Amélia assume essa posição regressiva no poema “Lembranças da infância”. O poema, escrito em 1873, constitui-se de 14 estrofes formadas por quartetos. No primeiro verso o eu-lírico anuncia de onde veio sua inspiração: “Da minha infância querida / A doce recordação” (QUEIROZ, 2015: 155). Essa recordação que vem ao leitor como poesia é o que traz vida e cor para existência do eu-lírico, assim como a chuva que dá cores às flores no verão: “É como gotas de orvalho / Sobre as flores do verão” (QUEIROZ, 2015: 155).

Nesse primeiro momento o eu-lírico pensa em sua infância com sentimento de saudade: “Em vós penso suspirante, / Porque vos tenho saudade” (QUEIROZ, 2015: 155) e relembra a época como um momento tranquilo, sem preocupações: “Oh! Distrações inocentes / Da minha formosa idade” (QUEIROZ, 2015: 155). Afirma que jamais esquecerá sua infância, que foi tão boa que a compara a um sonho breve e agradável. Pode-se entender, também, que a infância foi o melhor momento da vida do eu-lírico, o tempo em que realmente foi feliz.

Em alguns momentos o eu poético evoca suas lembranças através do uso da palavra “vem”. Na quarta estrofe ele faz uso desse verbo em forma de chamamento, para que esse passado venha, através de suas lembranças, aliviar seu sofrimento e afagar seu coração que sofre, o que evidencia a evasão, o regresso ao passado como forma de alento para sua tristeza, caracterizando, assim, o escapismo definido por Coutinho como “o desejo de fugir da realidade para um mundo idealizado, criado, de novo, à imagem de suas emoções e desejos, e mediante a imagina-

ção (COUTINHO, 1999: 9). Evoca as doces lembranças da sua infância, de tudo que amou e só existe em sua memória, visto nos seguintes versos:

Vem, mimosa, feiticeira,
Linda imagem do passado,
Vem afagar com doçura
Meu coração torturado!

Vem! Me fala maviosa
De tudo quanto eu amei,
De tudo quanto hei perdido,
Mas que nunca esquecerei! (QUEIROZ, 2015: 155).

O eu-lírico ainda relembra seu descuido que não o deixou perceber os falsos prazeres do mundo: “Quando eu tão descuidosa, / [...] Olvidava o mundo inteiro / E seus gozos fementidos” (QUEIROZ, 2015: 155). Nesses versos pode-se entender que o eu-lírico tinha uma visão positiva do futuro, porém, quando adulto, percebe que não passava de uma ilusão e o poema evidencia justamente essa insatisfação com o presente, por isso se refugia nas lembranças boas do passado.

A todo momento fica evidente que o eu-lírico teve uma infância feliz. Nos terceiro e quarto versos da sétima estrofe as palavras “formosa” e “bela” definem esse momento:

Oh! Imagem sedutora,
Vem, me fala inda uma vez,
D’aquela formosa idade
De tão bela candidez! (QUEIROZ, 2015: 156).

Em seguida, a narração das aventuras de criança em meio à natureza e às suas brincadeiras revela a ternura da idade:

Quando eu no prado corria
Atrás de formoso inseto
Entre as flores resvalando
Cheia de afã e de afeto

Quando com minhas bonecas,
Com desvelada candura,
Dormia tendo-as no peito,
Apertando-as com ternura (QUEIROZ, 2015: 156).

O eu poético evoca também lembranças de sua família, sobretudo de sua mãe. Expressa a saudade de sua mãe, o amor por seus irmãos, a vontade de voltar ao passado para estarem juntos novamente e revela a perda de uma das irmãs, motivo de sua saudade. Evidencia, ainda, o lamento por estar perto apenas de um dos seus irmãos:

Um só dos dois que me restam
De perto posso afagar,
A outra... a outra é distante,
Só n'ela penso a chorar!

Os dois últimos versos do poema expressam novamente o desejo pela fuga e o eu-lírico traz a mesma ideia expressa no quarto verso: a infância como refúgio, uma lembrança que afaga seu coração triste: “Linda imagem do passado / Vem, afaga inda um momento / Meu coração tristurado” (QUEIROZ, 2015: 157). Dessa época feliz resta apenas saudade e a doce lembrança. Essas lembranças são, para o eu-lírico, um resgate, um bálsamo para suportar seu sofrimento. No poema, percebe-se o registro de um momento da vida da poetisa Luíza Amélia de Queiroz. A lembrança boa de um tempo feliz com seus irmãos e sua mãe se faz presente através da memória, funcionando como um alento.

Desde o pré-romantismo, conforme Carpeaux (2011), “a infância é considerada como a idade poética por excelência” (CARPEAUX, 2011: 1206). Luíza Amélia, assim como outros românticos, extraiu de sua tenra idade os versos de saudade do tempo que não volta, o que faz lembrar o ultrarromântico Casimiro de Abreu. O autor rememora, nos versos de “Meus oitos anos”² sua infância e, assim como a poetisa piauiense, traz nos seus versos um tom melancólico e saudoso.

O desejo de regressar à infância também está expresso no poema “Reflexões”:

[...]
Agros anseios, um sofrer sem nome
Quem me consome sem a causa eu ter,
Longas insônias, tormentosos sonhos,
Outros risonhos que me dão prazer!

Oh! Tenho um'alma à impressão votada,
Um'alma dada a comoções sublimes,
Que adora o belo, como paixão sincera
E sabe austera detestar os crimes.

Se nos meus olhos há vívido lume,
Se há negrume entre os brilhos seus,
Se nos meus lábios há fagueiro riso
Também há siso nos pensares meus.

Tudo que é nobre me merece um culto,
Da arte – o vulto – meu amor conquista,
Nascesse embora n'um augusto sólio,
No capitólio me diria – artista –!

2. Poema publicado na obra *As primaveras* (1859).

Se na ciência não gastei meus dias,
Presa às magias de estudo seu,
Á dura sorte só arguir me cabe,
Deus! Ele sabe, que sofrer o meu!

Oh! Se eu pudesse remontar-me ainda
À infância inda – meu viver primeiro –
O véu brumoso que m’encobre a mente,
Com mão potente rasgaria inteiro!

Então no Templo da ciência augusta
Com fé robusta saberia alçar,
Áurea bandeira que lauréis conquista
E encanta a vista tremulando ao ar (QUEIROZ, 2015: 189).

No início do poema, percebe-se que o eu-lírico não sabe ao certo de onde vem essa dor que lhe assombram, o que pode ser confirmado na segunda estrofe quando diz: “Agros anseios, um sofrer sem nome / Quem me consome sem a causa eu ter” (QUEIROZ, 2015: 189). Isso demonstra o que Alfredo Bosi define como posição regressiva em relação a seu próprio eu, onde a poetisa recorre, ao “abandono, à solidão, ao sonho, ao devaneio, às demasias da imaginação e dos sentidos (BOSI, 1999: 93). Na terceira estrofe o eu poético revela ter uma alma emotiva e elevada que admira o belo e detesta “os crimes”. Reforça essa ideia na quinta estrofe quando traz sua admiração pelo que é culto, pela arte: “Tudo que é nobre me merece um culto, / Da arte – o vulto – meu amor conquista” (QUEIROZ, 2015: 189).

Entende-se que o eu-lírico justifica seu gosto pela arte pelo fato de ocupar um lugar privilegiado e que, em uma definição justa, seria um artista: “Nascesse embora n’um augusto sólio, / No capitólio me diria – artista –!” (QUEIROZ, 2015: 189). Já na sexta estrofe, nota-se que o eu-lírico lamenta essa posição de “artista”, sua alma sublime, pois isso lhe traz sofrimento. Esse lamento continua na sétima estrofe e, então, traz a ideia de volta ao passado, de regressão à sua infância. Essa volta é vista como algo capaz de libertar sua mente de uma aura triste: “O véu brumoso que m’encobre a mente, / Com mão potente rasgaria inteiro!” (QUEIROZ, 2015: 190). Isso, conforme a última estrofe, ajudaria o eu-lírico a alcançar reconhecimento: “Áurea bandeira que lauréis conquista / E encanta a vista tremulando” (QUEIROZ, 2015: 190).

Na poesia de Luíza Amélia de Queiroz percebe-se, conforme aponta Teresinha Queiroz (2015), que o passado e o presente se encontram. Nos poemas analisados, o presente é retrato como um tempo infeliz, evidenciando a tristeza do eu-lírico, motivo que o faz trazer o passado como objeto de saudade e lugar de evasão, de refúgio, onde ele viveu feliz usufruindo dos encantos e da inocência da infância, lugar onde deseja refugiar-se.

Família: a morte como motivo de tristeza e como fim almejado

Nos poemas de Luíza Amélia de Queiroz, como já mencionado, é frequente poemas de-

dicados a pessoas de sua família, como pai, mãe e irmãs. Nas linhas desses poemas, percebe-se todo o carinho da poetisa para com sua família, evidenciando, assim, um sentimentalismo que, em alguns momentos, vem marcado pelo amor, carinho e respeito trazendo outros sentimentos relacionados à perda: saudade e tristeza. Esse recurso utilizado pela autora se refere ao ilogismo, uma característica explorada pelos românticos. Conforme aponta Proença Filho, “Opondo-se aos ditames da lógica, o poeta pode ser conduzido a uma instabilidade emocional traduzida em atitudes antitéticas ou paradoxais: alegria e tristeza, entusiasmo e depressão” (PROENÇA FILHO, 1994: 221). Em meio a esses múltiplos sentimentos que permeiam os poemas de *Flores incultas*, nota-se o amor de Luíza Amélia pela sua família. Logo no início da obra, o poema “Dedicatória” traz uma homenagem ao seu pai, figura importante para a autora:

Da minha fantasia as flores pálidas,
Da minha fraca lira os fracos sons,
Eu te venho, ó meu pai, oferecer tímida,
Não me recuses tão singelos dons.

Tu, que de mimos me douraste a infância,
Conduzindo-me à mão com tanto amor,
Pai! Da minha ternura as provas íntimas
Consente que a teus pés possa depor.

[...]
Se o mundo me atira palmas de glórias,
Se a frente me vieram louros cingir,
Eu tudo te darei de júbilo,
E paga ficarei co’o teu sorrir (QUEIROZ, 2015: 15-16).

Na primeira estrofe do poema, o eu-lírico pede para que seu pai não recuse sua singela homenagem, para isso assume uma posição modesta e define sua poesia como “fraca lira”, “fracos sons”, “flores pálidas” e “singelos dons”. Na segunda estrofe, revela sua figura paterna, como uma figura amorosa: “Tu, que de mimos me douraste a infância / Conduzindo-me à mão com tanto amor” (QUEIROZ, 2015: 15). Pede permissão para lhe dedicar os versos, prova de seu amor: “Pai! Da minha ternura as provas íntimas / Consente que a teus pés possa depor” (QUEIROZ, 2015: 15).

O eu-lírico buscou dedicar seus melhores versos ao seu pai, mas, segundo ele mesmo, devido ao cansaço, não conseguiu:

Para ti eu tentei colher com ânsia
Mimosas flores que no prado vi;
Porém d’afã fiquei cansada e trêmula,
E tive de parar... não prossegui (QUEIROZ, 2015: 15).

Na quarta estrofe o eu-poético afirma que os versos cansados que apresenta surgiram

nas noites de insônia e, mesmo que não tenham beleza, possuem seu sentimento: “Se lhes faltam matiz, beleza, essência, / Da minh’alma elas têm todo o sentir” (QUEIROZ, 2015: 15). Em seguida, afirma que esses versos vêm afagar sua face, que passou por tantas angústias:

Com elas orna a tua fronte gélida
Por anos que passaste d’aflição;
E que eu note brilhar sempre em teus lábios
Um sorrir de sincera aprovação (QUEIROZ, 2015: 15-16).

O eu-lírico encerra o poema afirmando que o sorriso do seu pai é o melhor reconhecimento, seu melhor prêmio, sua melhor alegria: “Eu tudo te darei de júbilo / E paga ficarei co’o teu sorrir” (QUEIROZ, 2015: 16). No decorrer do poema, fica evidente o quanto o eu-lírico amava e buscava agradar a figura paterna.

Como foi possível notar, a poetisa piauiense colocava em versos todo seu sentir, seja em poemas sobre as injustiças da realidade que vivia, seja sobre pessoas de sua família, ou somente sobre algum sofrer que lhe atingia. Em um dos poemas mais extensos de sua obra, Luíza Amélia traz uma de suas mais sentidas perdas: a morte de sua mãe. O poema intitulado “Minha mãe” revela ao leitor como a figura materna era importante para Luíza Amélia:

Minha Mãe! há já três lustros
Que a mão da desventura
Roubou-me tua ternura,
Feriu-me de imensa dor!
Três lustros que o peito geme,
Como rola em soledade,
Uma nénia de saudade,
Repassada de amargor!

Três lustros que o peito anseia
Ao som de acerbos gemidos,
Somente repercutidos
Pelos ais do coração!
Embora ali tua imagem
Cercada de luz infinda,
Permaneça grata e linda
Como dos tempos d’então.

Da morte o gélido sopro.
Do tempo a mão que encarnece,
Esta dor não arrefece
Nem minora este sentir!
Minha Mãe, teu doce nome,
Teu afeto estremecido,
Tesouro imenso perdido,
Ai! hei de sempre carpir!

E quando, ó Mãe da minh'alma,
A tua perda deploro,
Sobre a minha sorte choro,
Choro sobre o fado meu!
Ele, que os sonhos da virgem,
E as flores da juventude,
À beira de um ataúde
Dissipou!... emurcheceu! ...

Choro os dias que passaram
– Tua inefável ternura;
Eu, que tive a desventura
De tão depressa a perder!
– Meus sonhos de sonhos puros,
Por ti, ó anjo, embalados
Esses maternos cuidados –
Que nunca mais hei de ter.

Ah! como à mente m'acodem
Essas passadas delícias!
Minha Mãe, tuas carícias
Como relembro com dor!
Quando eu ia no teu seio,
Como a açucena pendida,
Depor a fronte, querida,
Perdir-te um beijo d'amor...

Ai! Como lembro! . . . Não pode
O peito da filha terna,
Essa ternura materna
Um só momento olvidar.
Não pode! que não encontra
Neste mundo fermentido,
Um afeto tão sentido
Que me possa compensar.

E fôra quando eu as faixas
Da tenra infância deixava...
Quando, pois, mais precisava
Dos teus conselhos e amor,
Qu'ó anjo pálido da morte,
Sobre o teu seio baixando,
Levou-me a vida deixando
No mundo espectro de dor!

Entrei na vida sozinha...
E uma nuvem sombria
Cobriu a luz que espargia
A minha estrela polar!...
Entrei na vida sozinha;
E nos areais intensos
Ai, que espinhos imensos
Vieram meus pés magoar!

Inquieta, triste, medrosa
N'esse deserto perdida,
Como folha sacudida
Ao sopro dos vendavais,
Minh'alma vagava, enquanto
Podia firmar um passo;
Mas, rendida de cansaço,
Caíra sobre os sarçais!

Tal fica a rola inocente
Do seu ninho desviada,
Na selva escura embrenhada
A fugir do gavião
Na presteza da corrida
Se prende mato espesso
Se agita muito e de excesso
Cai exânime no chão! ...

Então, n'um supremo esforço,
Erguendo a frente abatida
Tomei a lira sentida
Para um canto t'of' erecer!
É triste como minh'alma,
Onde só saudade habita,
Desde que tive a desdita,
Minha Mãe, de te perder (QUEIROZ, 2015: 19-22).

Na primeira e segunda estrofes, o eu-lírico relata que já faz 15 anos que sua mãe faleceu, desde então seu sofrer, lamento e saudade se fazem presente. O eu-lírico deixa claro que sua mãe não pertence mais ao campo carnal e, mesmo com o tempo, a dor lhe assola, não diminui: “Do tempo tudo encarnece, / Esta dor não arrefece / Nem minora este sentir!” (QUEIROZ, 2015: 19). Segundo o eu-lírico, o amor de sua mãe, tesouro perdido, jamais será esquecido: “Teu afeto estremecido / [...] Ai! hei de sempre carpir” (QUEIROZ, 2015: 19). Mas ele sofre ao lembrar de sua perda e, com essa sina, chora: “E quando, ó mãe da minh'alma / A tua perda deploro, / Sobre a minha sorte choro / Choro sobre o fado meu!”(QUEIROZ, 2015: 19).

Nota-se que diante da perda, o eu-lírico não possui mais a vitalidade da juventude.

de: “E as flores da juventude / À beira de um ataúde / Dissipou!... emurcheceu!” (QUEIROZ, 2015: 20). Fica evidente o lamento pela perda precoce e pelo carinho materno que nunca mais terá: “– Tua inefável ternura; / Eu, que tive a desventura / De tão depressa a perder! [...] Esses maternos cuidados / – Que nunca mais hei de ter” (QUEIROZ, 2015: 20). Nesses versos percebe-se que, com a perda, a descrença na vida se faz presente, o que remete ao *spleen*³ byroniano, aspecto comum entre os poetas ultrarromânticos.

Para o eu-lírico, a lembrança é um alento, pois traz os momentos bons vividos com sua mãe: “Ah! como à mente m’acodem / Essas passadas delícias!” (QUEIROZ, 2015: 20), porém ao mesmo tempo lhe traz dor:

Ah! como à mente m’acodem
Essas passadas delícias!
Minha mãe, tuas carícias
Como relembro com dor!
Quando eu ia no teu seio,
Como a açucena pendida,
Depor a fronte, querida,
Perdir-te um beijo d’amor... (QUEIROZ, 2015: 20).

Nessa estrofe percebe-se, mais uma vez, o ilogismo, mencionado por Proença Filho (1994) e elencado no início do tópico. O eu-lírico assume uma postura antitética, revelando uma inconstância sentimental ao trazer no primeiro verso a lembrança como algo que o salva, e no quarto verso, como algo doloroso.

Em nenhum momento o eu-lírico esquece os carinhos maternos e afirma que não é possível encontrar um afeto como o de sua mãe:

Ai! Como lembro! . . . Não pode
O peito da filha terna,
Essa ternura materna
Um só momento olvidar.
Não pode! que não encontra
Neste mundo fermentido,
Um afeto tão sentido
Que me possa compensar (QUEIROZ, 2015: 20).

Na oitava estrofe lamenta, mais uma vez, a morte precoce de sua mãe, que o deixou em “tenra infância” e assim reforça a ideia expressada na sexta estrofe:

E fôra quando eu as faixas
Da tenra infância deixava...

3. Termo associado à poesia de Lord Byron, marcada pelo pessimismo, melancolia, descrença da vida diante da morte e tristeza.

Quando, pois, mais precisava
Dos teus conselhos e amor,
Qu' o anjo pálido da morte,
Sobre o teu seio baixando,
Levou-me a vida deixando
No mundo espectro de dor! (QUEIROZ, 2015: 20-21).

Essa perda fez com que o eu-lírico crescesse sem os cuidados e sem os conselhos de sua mãe, o que o deixou perdido, sem saber como seguir, causando bastante sofrimento. Isso se confirma na décima estrofe, onde eu-lírico revela que ficou “Inquieta, triste, medrosa / N’esse deserto perdida, / Como folha sacudida / Ao sopro dos vendavais” (QUEIROZ, 2015: 21). O eu-poético retrata a inquietude e o cansaço que sua alma passara:

[...] Minh’alma vagava, enquanto
Podia firmar um passo;
Mas, rendida de cansaço,
Caíra sobre os sarçais!

Tal fica a rola inocente
Do seu ninho desviada,
Na selva escura embrenhada
A fugir do gavião
Na presteza da corrida
Se prende mato espesso
Se agita muito e de excesso
Cai exânime no chão! ... (QUEIROZ, 2015: 21).

A inquietude que marca o poeta romântico, o faz transformar seu sofrer em poesia, seja através de um sentimento doloroso ou não. Nos versos de “Minha mãe”, Luíza Amélia de Queiroz traz um sentir marcado pela dor de perder alguém de sua família, a sua mãe. Versos que buscam traduzir a tristeza de perder alguém da família não se encontram apenas nos poemas da poetisa piauiense. Fagundes Varela, poeta ultrarromântico, relata a dor de perder seu filho em um dos seus poemas mais conhecidos, “Cântico do calvário”, no qual, assim como a autora piauiense, expressa demasiado sofrer, desesperança, angústia e a amargura de sua vida após a perda.

Na última estrofe de “Minha mãe”, o eu-lírico deixa evidente o esforço que fez para compor os versos: “Então, n’um supremo esforço, / Erguendo a frente abatida / Tomei a lira sentida” (QUEIROZ, 2015: 22). São versos tristes, como a sua alma, mas que buscam homenagear sua mãe:

[...] Para um canto t’of’ ercer!
É triste como minh’alma,
Onde só saudade habita,
Desde que tive a desdita,
Minha mãe, de te perder (QUEIROZ, 2015: 22).

Luíza Amélia tenta traduzir sua dor em versos. Os versos sofridos do poema “Minha mãe”, assim como os versos de “Dedicatória” e de outros poemas da autora, ultrapassam o campo fictício e se revelam ao perceber os traços pessoais da poetisa piauiense e sua realidade. Isso revela a subjetividade da poesia romântica de Luíza Amélia, característica, conforme esclarece Proença Filho, fundamental no Romantismo: “a realidade é revelada através da atitude pessoal do escritor. [...] O artista traz à tona o seu mundo interior, com plena liberdade” (PROENÇA FILHO, 1994: 217).

O tom funesto, acompanhado pela figura da morte, são elementos explorados pelos poetas românticos, principalmente os da segunda geração. Para essa geração, conhecida como ultrarromântica, conforme esclarece Candido (1999), “o modo sentimental e intimista, colorido ou não pelo pessimismo mais ou menos satânico, é um tom geral nesse tempo entre os poetas jovens” (CANDIDO, 1999: 44). Com esses aspectos, a poesia que se destaca, no Brasil, é a dos poetas Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Fagundes Varela e Casimiro de Abreu. Esses ultrarromânticos revelam, em suas poesias, o isolamento, a dor existencial e, algumas vezes, trazem a morte como libertação de uma existência enfadonha.

Em alguns poemas, como já foi mencionado em um primeiro momento desta análise, Luíza Amélia de Queiroz também coloca em cena a morte, seja como motivo de separação de entes queridos, o que evidencia uma tristeza existencial, como pode visto em “Minha Mãe”, seja como evasão da realidade, como pode-se perceber no poema “Se eu morresse amanhã”:

Se já fosse dado esta existência
Que se desbota de penoso afã
Entre sonhos de glória - no futuro-
Eu findar amanhã.

Oh! Se as férreas cadeias, que me prendem
Neste desterro a uma vida vã.
Eu pudesse quebrar!... tranquila e leda.
Se eu morresse amanhã.

Minha alma qual incenso voaria
A Deus seu Criador, pura e Louçã:
Por mais ditosa hoje eu me teria.
Se eu morresse amanhã (QUEIROZ, 2015: 214).

Na primeira estrofe, o eu-lírico define sua existência como enfadonha e cansativa e afirma que seu sofrer teria fim mesmo com sua morte: “Entre sonhos de glória- no futuro / Eu findar amanhã” (QUEIROZ, 2015: 214). Isso se confirma ao observar o primeiro e último verso da estrofe, em sequência, onde nota-se o desejo de findar sua existência (como se o eu-lírico rogasse “se já fosse dado a sua existência um fim”): “Se já fosse dado esta existência / Eu findar amanhã” (QUEIROZ, 2015: 214).

Na segunda estrofe se confirma o sofrimento do eu-lírico, apresentado nos primeiros versos: “Oh! Se as férreas cadeias, que me prendem / Neste desterro a uma vida vã” (QUEIROZ, 2015: 214). Pelo fato de o eu-poético estar preso a essa realidade sôfrega, deseja tranquilidade, o que, segundo ele, somente seria possível alcançar com a morte, destino onde a alma do eu-lírico alcançaria leveza e felicidade, sentimentos que falta à sua existência: “Minha alma qual incenso voaria / A Deus seu Criador, pura e Louçã / Por mais ditosa hoje eu me teria. / Se eu morresse amanhã. (QUEIROZ, 2015: 214).

Nesse poema da poetisa piauiense, a exemplo de outros românticos, o eu-lírico traz a morte como meio de salvação da realidade que o incomoda e o sufoca, ou seja, a morte é vista como um alento e, assim como aponta Bosi (1999), a morte é um horizonte último e almejado. A morte é vista também no poema “Separação”, que traz o mesmo sofrer expresso em “Maroca” e em “Minha Mãe”, nos quais Luíza Amélia de Queiroz traz o sofrimento pela perda de pessoas que amava. Dessa forma, a morte aparece no mundo do poeta romântico não apenas como um alento, mas também pode revelar o motivo de um sentimento de tristeza, como ocorre com Luíza Amélia de Queiroz nos poemas mencionados.

Considerações finais

Com esse artigo, foi possível perceber os múltiplos sentimentos presentes na obra *Flores incultas* e compreender como Luíza Amélia de Queiroz construiu sua poesia romântica. Percebeu-se, assim, que a expressão poética da autora está interligada com a sua vida e sua realidade, seja quando traz acontecimentos familiares, seja quando fala pela liberdade da mulher literata de sua época, o que revela um caráter amoroso, inquieto e forte de sua poesia. Notou-se a intertextualidade em alguns poemas da autora com grandes poetas românticos brasileiros, aspecto que evidencia que Luíza Amélia esteve sempre em contato com as produções literárias de sua época e, além disso, contribuiu para concretização de sua expressão poética como esteticamente romântica.

Neste artigo, através das principais temáticas presentes em *Flores incultas*, buscou-se demonstrar uma análise de como a poetisa piauiense apresenta o sentimentalismo poético e romântico em sua primeira obra. Verificou-se nos poemas analisados que os principais aspectos do romantismo se fazem presente nas líras de Luíza Amélia de Queiroz, onde o sentimentalismo aparece revestido pelo pessimismo, pela religiosidade, pela dor, pela tristeza e pelo desejo de evasão, aspectos que atestam sua posição de Princesa da Poesia Romântica do Piauí. Tendo em vista o que foi apresentado neste trabalho e como foi possível notar, o trabalho da poetisa é pouco investigado e até pouco conhecido dentro dos estudos literários, por isso faz-se necessário ressaltar que ainda há muito o que se investigar acerca da produção literária de Luíza Amélia de Queiroz, visto que sua poesia, esteticamente romântica, transcende décadas e chega ao leitor mostrando através de seus versos sua força como poetisa.

Referências

- AZEVEDO, de Álvares; ABREU, de Casimiro; ALVES, Castro; VARELA, Fagundes, DIAS, Gonçalves; BILAC, Olavo. *Na boca do povo: poesias da memória brasileira*. Porto Alegre: 2003.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- BRITO, Augusto. Luíza, uma poetisa. In: QUEIROZ, Luíza Amélia de. *Flores incultas*. Teresina: Academia Piauiense de Letras; EDUFPI, 2015. p. 241-249. (Coleção Centenário, 25)
- CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes*. 3. ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999.
- CARPEUAX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. São Paulo: Leya, 2011.
- CIARLINI, Daniel Castello Branco. Uma leitura em prelúdio das Flores de Amélia. In: QUEIROZ, Luíza Amélia de. *Flores incultas*. Teresina: Academia Piauiense de Letras; EDUFPI, 2015. p. 261-271. (Coleção Centenário, 25)
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. v. 3. 5. ed. São Paulo: Global, 1999.
- FREITAS, Clodoado. D. Luísa Amélia de Queiroz Brandão. In: FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. Teresina: Academia Piauiense de Letras; EDUFPI, 2012. p. 91-100. (Coleção Centenário, 4)
- GONÇALVES DIAS, Antônio. Primeiros Cantos. In: GONÇALVES DIAS, Antônio. *Poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1959.
- MORAES, Herculano. Luísa Amélia de Queiroz: Flores incultas. In: MORAES, Herculano. *Visão histórica da Literatura Piauiense*. Teresina: COMEPI, p. 70-73, 1997.
- MOURA, Francisco Miguel de. *Literatura do Piauí*. Teresina: Academia Piauiense de Letras; Banco do Nordeste, 2001.
- PROENÇA FILHO, Domicio. *Estilos de época na literatura*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- QUEIROZ, Luíza Amélia de. *Flores incultas*. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras; EDUFPI, 2015. (Coleção Centenário, 25).
- QUEIROZ, Teresinha. A poética dos sentimentos em Luíza Amélia de Queiroz. In: QUEIROZ, Luíza Amélia de. *Flores incultas*. Teresina: Academia Piauiense de Letras; EDUFPI, 2015. p. 273-293. (Coleção Centenário, 25).
- ROCHA, Olívia Candeia Lima. *Mulheres, escrita e feminismo no Piauí (1875-1950)*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2011.

Submetido em: 28/08/2020

Aprovado em: 25/11/2020